

QUARTA-FEIRA
Lisboa-12 de Novembro-de 1930

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

234



sempre fixe

semanário humorístico

Propriedade
RENAISSANCE GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

CARLOS NOBREGA DA CUNHA

(Jornalista brasileiro)



Diario de Noticias



Estrelto da corpo e largo de espirito. Reportagens em avião, escritas à maquina. Rapidez de 100 dedicações à hora: Uma grande "cunha" do Concurso de Beleza no Rio de Janeiro.



Os ditos da semana



A concorrência Uma senhora de Vale Formoso de Baixo queixou-se dum individuo, cujo nome não chegou a vir aos jornais, acusando-o de lhe ter roubado trez porcos, duas vacas e um violino.

Nada nos admira o roubo dos animais nem do violino, porque em toda a parte ha ladrões: o que nos assombra é que tudo tenha sido roubado pelo mesmo individuo e na mesma ocasião. Admitindo os factos como verdadeiros somos forçados a concluir que ou o violino estava no chiqueiro ou os porcos habitavam na sala de visitas. A não ser que aqueles animais, além de domesticos, fossem também amadores musicais. É então seria interessante ver uma vaca de olhos em alvo, executando ao violino com todo o sentimento uma sonata de Beethoven, para divertimento da feliz proprietaria.

Já não bastava aos pobres musicos profissionais a concorrência das graton das e da telegrafia sem fios. Agora até as vacas também lá tocam.

Peio Brazil A situação brasileira normalisa-se a olhos vistos. O presidente deposto e outras figuras gradas da politica toram autorizados a ausentar-se para a Europa, as tropas recolhem a quartéis, os teatros funcionam já por conta dos respectivos empregarios, sem subsidio do governo, etc.

Apenas o ministro do Interior da situação anterior se conserva preso e incomunicavel. Ha quem julgue isto uma violencia. Nada mais injusto todavia. O governo do sr. dr. Getulio Vargas quer apenas dar-lhe a ilusão de que ainda se conserva no seu antigo lugar. Efectivamente um ministro do Interior não pode andar no exterior. Para conservar a cor local, o governo obriga-o a manter-se no interior da prisão, onde administra a sua pessoa e bens e onde dá despacho quando lhe dá na gana.

Tubarão... Segundo noticiam os jornais, uns pescadores italianos de Pozzarelle, ao retirarem do mar as suas redes, encontraram-lhe dentro um tubarão com quatro metros de comprimento e quatro toneladas de peso:

quer dizer, cada metro, cada tonelada.

Nós hem sabemos que ha tubarões de grande peso, mas, a não ser que a carne de tubarão, em Italia, seja muito mais pezada do que em qualquer outra parte do mundo, ali deve forçosamente haver especulação politica.

Seja como for, não ha duvida de que se trata dum tubarão extraordinariamente grande, que, pelos modos e segundo as mesmas noticias, colecionava ossaria de varios animais, visto que, no estomago lhe toram encontrados ossos de bois e de outros animais.

Parece que o pobre animal adivinhava a sorte que lhe estava reservada. Como qualquer outro mortal, foi comendo a carne e deixando os ossos para quem o havia de pescar.

São assim todos os tubarões.

O mais extraordinario de tudo isto é que nós iamos jurar tê-lo encontrado ainda ha dias na rua do Ouro...

Perú recheado Os fugitivos da revolução brasileira procuraram refugio na legação do Perú.

Não sabemos, porém, o que

foi que os determinou a bater aquela porta. Tanto podia ser uma razão de comodidade, por a legação do Perú ficar mais á mão, vista a necessidade de assegurar os mantimentos. E não se irá dizer que Perú não é melhor do que o pão e agua da prisão.

Mas o que o caso tem de mais curioso é que os refugiados eram em tal numero que, segundo telegrama do Rio de Janeiro, nem as pessoas de serviço podiam entrar ou sair da casa:

Estavam lá dentro como sardinha em lata, a tal ponto que as portas e corredores se tornaram impraticaveis. Era o que, com toda a propriedade, se podia chamar Perú recheado.

O Junkers Veiu aí o Junkers G 38. É o maior do mundo. Não chegámos a velo, mas pelas informações que temos trata-se de uma bisarma capaz de fazer escurecer o sol. Tem 400 motores, azas de dois quilometros e logar para milhares de passageiros. Parece que se viaja ali dentro como num transatlantico. Quando os motores roncam parece a rua Nova do

Carmo ás 5 horas da tarde— um barulho ensurdecador, de arreentar os timpanos. E aquilo é não tendo o Junkers businas nem sereias como aquelas com que certas pessoas costumam vir para a rua arrotar a sua riqueza.

Pois mesmo assim, num aparelho daqueles não nos abalancaríamos a ir para os ares, tão certos estamos de que é feia acção amachucar a terra que nos cria e nos dá o pão, com os ossos do nosso proprio cadaver. Sim, porque não é em vão que a isto de andar pelo ar se chama *aviacão*. Ha muitos seculos que quando se quer dizer que uma coisa se acabou, se uza esta formula — *aviou-se*. Ora nós não queremos aviar-nos.

Uma definição Bagaria, o grande humorista espanhol, encontrou uma definição interessante para a imprensa italiana. Chama-lhe ele em «El Sol»: His master's voice.

Anuncios Como sempre, e como o leitor já sabe de cor e salteado, vamos propinar-lhe alguns anuncios do nosso fornecedor habitual. Este já é muito conhecido pelas iniciais:

H. M. H.

Nada ha cinco dias! Impossivel compreender. Leste sexta e domingo? 30 ás 15 e meia. B. saud. Sempre S. F.

Nada ha cinco dias! Que frio que ha-de ter a pobre pequena, ha cinco dias dentro de agua. Já deve ter feito o periplo da doca de Alcantara umas 500 vezes. E sempre a nadar.

É já agora, para que o leitor possa avaliar como esta Dulcinea é amada, vamos dar-lhe a decifração daquelas iniciais, em que o apaixonado mancebo põe, mesmo graficamente, o maximo da expressão amorosa: H. M. H. Hanjo Meu Hidolatrado!

Outro:

Casamento

Engenheiro, solteiro, de 31 anos e bem colocado, deseja conhecer senhora provinciana, solteira, interessante, com menos de 30 anos e alguns meios. Guarda-se o maior sigilo. Carta ao n.º 402, Bostio, 42.

Guarda-se o maior sigilo, guarda-se a senhora e guarda-se principalmente os meios.

A VIDA DIFICIL

(O esenho de M. Monterroso)



—É a crise geral; falta tudo! Nem bilhetes se encontram já para o cinema!

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O TEATRO Nacional parece outro. Por fóra e por dentro. Na sala e no palco. Sofreu uma autentica barréla. Conseguiu-se que o pano de ferro não tenha aquele terrível e tetrico letreiro, que era o peza-dêlo dos espectadores sugestivamente sinistrados.

O Robles anda todo contente a mostrar a casa e Amelia Rey Colaço tambem, mas sempre com o crêdo na boca.

Se o publico não acorre lá se vai tudo quanto Marta flou!...

■ ■ ■

AFINAL o «Pato Marreco» bateu as azas, mesmo antes de entrar em scena. Teve que se meter um quadro novo no «Cavaquinho», que continua afinado. E' um instrumento... de durar, lavar e chorar por mais. O peor é que o quadro novo se chama Grande fila. Não será piada ao «Pato Marreco», que não chegou a sair da capoeira?

■ ■ ■

VAMOS ter uma peça intitulada: *Uma velha que tinha um gato*. Acrescentamos: «debaixo da cama o linha», mas o resto não se pode dizer. Que raio vai fazer a velha ao gato ou o gato vai fazer á velha?

Aqui ha gato!...

■ ■ ■

O «compere» da futura revista «A Rapioca», que será representada no Maria Vitoria, será feito por Carlos Leal.

E chama-se:

«Alfacinha da gema».

Melhor não ha! Até as pedras das calçadas o conhecem!...

■ ■ ■

VAI acabar-se o reinado de «Sua Alteza», no Trindade. Para o subs-

tituir vai á scena o «Sabão n.º 13».

Será para ensaboar os talassas?

■ ■ ■

A «REPUBLICA» confirma a proxima entrada num convento estrangeiro duma actriz de revista, insinuando que é por desgosto de amor.

Coitada da «povre»!

Não seria melhor interpretar a Soror Mariana ao natural?...

■ ■ ■

O NOSSO camarada Alfredo França—que está aqui no coração, como a do estudante alsaciano,—entregou uma revista ao empresario Emauz, que tem a colaboração de Fernando Avila, Stuart Carvalhais e Augusto Cunha.

SCENAS DA SCENA

O TAPETE

O caso passou-se assim:

A. R., notável actriz, fazia, no camarim, imitações de Beiriz, um tapete d'espavento que resultou obra rica, mercê dum moderno invento a que eu chamo «pica-pica». Para bem se perceber a historia de les a les, julgo forçoso dizer que A. R. mora em Alentejo. Certa noite, atarefada, co'a obra quasi no fim, a actriz foi visitada

por alguem, no camarim. Esse alguem, maravilhado ante o trabalho garrido tão paciente, tão cuidado e habilmente colorido, — com gentileza infinita diz, como quem bem procede: — «Mas que coisa tão catita!...» P'ra que é isso? E' p'ra a Parede?... Mas ela, que o julga tonto — não está p'ra rapa-pés. — responde-lhe pronto: — «Não, senhor; é para Algés!...»

SILVA TAVARES.



— Maria, você dá-nos cabo de tudo. Ainda ha dias comprei um passador e já está todo cheio de buracos ...

Apesar de ser feita pelo França, a graça e portuguesa, e não precisa de nenhuma cunha para triunfar!

■ ■ ■

NO Politeama estreiou-se, com exito, uma comédia, que dá por título:

O crime de Camões.

Naturalmente, são os Luziadas!

■ ■ ■

SUBIU á scena, no teatro Apollo, com costumes alentejanos, «A Regateira».

Afinal, é muito educadinha! Ninguem lhe ouve dizer uma asneira...

■ ■ ■

VAMOS ter «matinées» infantis, no Trindade, promovidas pela poetiza D. Fernanda de Castro, secundada por Erico Braga.

Lá iremos!

Nós não somos duas vezes crianças?...

■ ■ ■

DEPOIS do sentido luto de Aldina de Sousa, reabriu o teatro Avenida, prosseguindo a carreira do «Meu Menino».

E' o que se chama... andar nas palminhas do publico!

■ ■ ■

VAMOS ter a «Flór da Murta», no teatro do Gimnasio, com Palmira Bastos na protagonista.

A peça passa-se no tempo de D. João V, com bastante caracter.

O estilo da representação será tambem á epoca?...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

O proximo numero do

KINO

sal amanhã

com 12 PAGINAS

O proximo numero do

KINO

sal amanhã

com 12 PAGINAS

CASOS POLICIAIS

Conto engraçado

Lemos ha d. s numa revista de criminologia estrangeira um curioso relato da descoberta do autor dum crime que ha anos se havia praticado, e que muito emocionou a opinião publica daquela epoca.

«Numa noite fria e ventosa da era de Nosso Senhor Jesus Cristo, deu-se um crime atroz, num reino de encantos deslumbrantes, cujas praias o mar lambia com carinho e o sol doirava com amor fraternal. «Dentro de um coche forrado de sedas e veludos, já antigo e desbotado, um individuo que era a bondade personificada e que, por isso, gosava simpatia de todos que com elle privavam, foi encontrado quasi moribundo.

Os já perfeitos e detectives, que já os havia nessa epoca, fizeram as maiores apostas e deram a sua palavra honrada que o autor de tão repugnante crime havia de ser encontrado em qualquer feira ou possessão africana, refugiado em qualquer cubata ou no meio do mato, entre as feras.

A dedicação e esforço dos tais perfeitos e detectives, que a breve trecho foi conhecida da população desse reino, foi qualquer coisa de impressionante. Foi uma azafama, que todos os jornais da epoca e ordens do Corpo da Perfeitura registaram em termos que não deixavam a menor duvida que o criminoso havia de se apresentar um dia ás autoridades, roído pelo remorso.

Decorridos cinquenta anos, quando já se não pensava no caso, um dos detectives, figura de irlandês, louro e de bigode á americana, entrou num dos gabinetes do seu Perfeito e, com um sorriso a brincar-lhe nos labios, dirigiu-se nestes termos ao seu superior:

— O' me Perfeito, sabe uma coisa que eu acabei de descobrir?

— Talvez algum crime de falsificação...

— Um caso mais grave e importante!

— Algum complot internacional...

— O me Perfeito sabe o que é, mas já se não lembra...

— Eu sei de que se trata? Você está a intrigar-me com essa sua descoberta.

— Eu cá vou contar só ao me Perfeito. Não consegui descobrir o assassino daquele crime do coche doirado, mas já se, depois de muito cansar o me cerbero fosforiscente, que o assassino tinha um metro e 95 de altura, era gordo e usava um bigodinho muito preto, como o meu.

O Perfeito encarou o seu detective e, depois duns minutos de silencio,

ordenou que por todo o país se procurasse o tal homem de bigode e se prendessem todos os que usassem um metro e 95 de altura.

Durante anos não se fez outra coisa senão prender todo o pobre diabo cujas condições físicas o tornassem suspeito de ter morto o homem do coche.

Chegou a coisa a tal ponto que já ninguém usava bigode preto. Os que nessa epoca não se queriam ver privados do varonil apetrecho tingiam-no com agua oxigenada.

Cinquenta anos decorridos, quando já nem a policia nem a população desse reino encantado se recordava do caso, o assassino apresentou-se voluntariamente ás autoridades.

Era já então o assassino um velho alquebrado, esquelético, de longas barbas brancas, o rosto cor de cidra, aspecto de torado, dando-lhe a sua leucura para arrancar os botões do casaco.

Nunca teve uma prisão e a sua folha cadastral estava isenta de culpas e de macula.

Este homem, levado á presença do Perfeito, rompeu numa gargalhada horripicante...

O Perfeito, compondo os culos e rejitando a gravata e o colarinho engomado de verdadeiro dandi, exclamou:

— E' então você que quer passar pelo assassino do homem do coche doirado? Mas onde é que você tem os bigodes pretos e a barriga rotunda?

— Senhor Perfeito: Juro pela alminha da vitima, que tenho em descanço no seu, que só digo a verdade, para honra da vossa corporação. Eu sou o assassino! Ha cinco-côr do carvão e a minha barriga quenta anos, o meu bigode era da enorme...

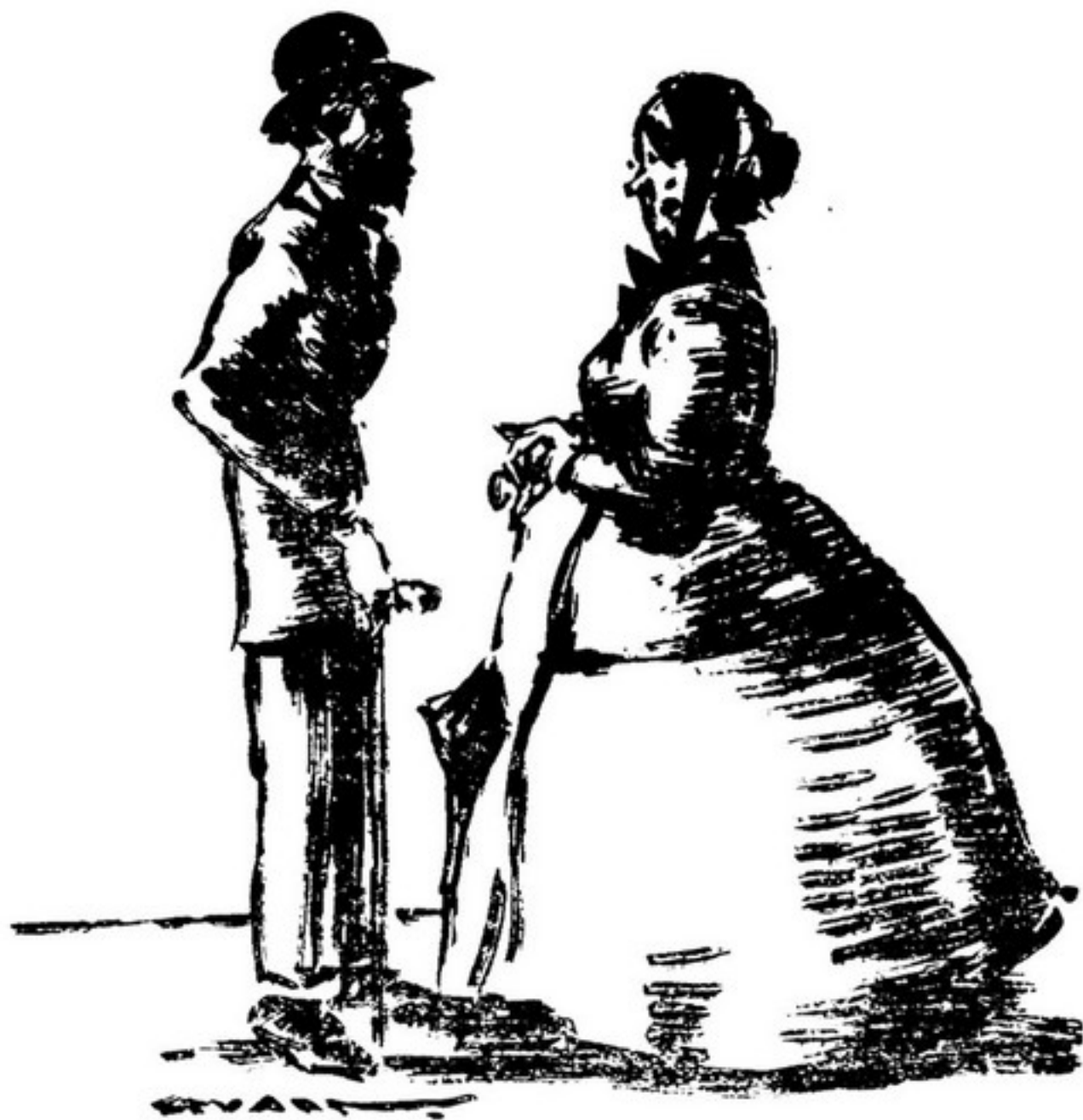
E começou a rir, a rir, num riso alvar, que tanto podia ser de ironia como de loucura.

O Perfeito sorriu tambem, com um sorriso que tanto podia ser de desespero como de ingenuidade. Erguendo-se da sua cadeira de espaldar, fez um sinal aos detectives para conduzirem o homem para as cataduras da prisão.

Momentos depois, reuniu o Conselho da Ordem da Perfeitura. Discussão acalorada, murros sobre a mesa e, por fim, o homem foi conduzido para o Rilhafoles da epoca.

Ninguém acreditara na confissão do homenzinho, nem na argucia dos tais detectives.

Pois ainda hoje as revistas e illustrações, onde pontificam varios sabios, se referem de vez em quando ao caso, discutindo-o duma maneira scientific e policial.



— Então tu vais de coco para a tourada da «Severa»?
— Pois eu não figuro na luta. Só lá vou para cocar.

Graça dos outros Atrapalhacões infantis

— Como soubeste que estava gravemente doente?

— Porque vi teu sobrinho comprar um automovel!...

A soprano ligeiro— Se o menino não quizer dormir, chame-me para eu lhe cantar alguma coisa!

A criada, ingenuamente— Já o ameacei com isso, minha senhora.

Na policia:

— Foi preso por roubar ovos numa mercearia. Tem alguma cousa a alegar em sua defesa?

— Sim, senhor. Tirei-os por engano...

— Por engano?

— Julgava que eram frescos!...

No Estoril, á hora do banho:

Ela— Como posso acreditar que o senhor ria ama, se ontem se declarou a minha irmã?

Ele— Oh, desculpe! Não sabia que era sua irmã...

No manicômio:

— De modo que, senhor doutor, algumas vezes entram aqui enfermos que não estão loucos...

— Mas isso não tem importancia! Os que não estavam loucos, ao fim de oito dias já o estão...



— Papá, Lisboa ainda é muito longe?

— Faltam ainda três leguas, meu filho, mas pensa que logo que lá chegues te dou Chocolates Nestlé e podes assim concorrer ao 4.º Concurso.

— Pois assim, mesmo que faltassem dez leguas, não fazia mal.

A Companhia do Gaz abriu ha tempo um concurso no «Noticias Ilustrado.»

A Maria Helena que não perde um concurso deliberou logo concorrer. O Pedro ao ver a irmã tratar do caso quiz logo seguir-lhe o exemplo. Mas como é um grande estoura vergas, que só pensa na caivice, daí a cinco minutos já não se lembrava do caso.

Só quando tempos depois o pai entrou em casa com a lista dos premios, anunciando que a Maria Helena tinha sido contemplada, é que lhe caiu a alma aos pés e ficou arrependido de não ter concorrido tambem.

E muito murcho, muito triste, assistiu ás expreções da irmã, á sua grand alacria e seu entusiasmo ao ouvir o pai dizer-lhe que era filha de premio com um vale de consumo de electricidade, um dos premios do concurso.

E quando a irmã anunciava a todas as pessoas de familia, radiante de emocio, o grande acontecimento e o pai la referindo a todos em que consistia o premio, o Pedro cada vez mais murcho, cada vez mais triste e arrependido, não dava um pio.

Só de vez em quando, num lamento se queixava de se ele não ter nada.

Mas, de repente, ao ouvir mais uma vez falar do vale do consumo de electricidade, uma ideia que lhe deu um pouco de alento no meio do seu desgosto, lhe atravessou o cerebro e virando-se para o pai lamuriou:

— O' paisinho, dá-me ao menos o balde quando estiver despejado?

— O balde!— disse o pai, sem perceber— mas qual balde?

— O balde com o sumo da electricidade, explicou o Pedro com o ar mais natural.

Sortes grandes?

só o PINA se vende

75—Rua de S. Paulo—77



— Porque é que a policia não deixa a gente dormir nos bancos?

— Porque os bancos fecham sempre ás 4 horas.

TAC-TAC-TAC

As peles... e o ôsso

Suporão os meus dois mil duzentos e cinquenta leitores que lhes vou falar da comédia em scena, agora, no Politeama. E, pelo titulo que puz a este ensaio filosofico, justo ou razoavel seria supô-lo.

Mas nada de mais cruelmente fermentado, porém, como verão provado pelo que adiante se vai expôr.

Por peles entendo eu, no presente estudo, as peles «com pêlos», com que uzam enfeitar-se as mulheres quando fingem que têm frio. Por ôsso, entendo eu a psicologia (intima até mais não) das senhoras que essas peles caras usam.

E é neste assunto que assenta o fulcro do meu discurso:—«Peles caras!».

E porque são elas caras?... Assentêmos num «primeiro axioma»:

«Tudo o que é caro é mentira;
A verdade é barata.»

Primeira parte—«Tudo o que é caro é mentira.» E' claro. O comerciante, desde o merceiro até ao alto vendedor de vestidos e chapêos de senhora, estabelece os seus preços sobre o custo dos productos, que vende. Mas, para justificar as quantias exorbitantes que exige ao freguês, trata sempre de exagerar o preço da origem, o pagamento dos direitos e as diferenças do cambio. A mercadoria começa logo a encarecer, porque o vendedor principia logo a mentir. D'ái, a conclusão: «tudo que é caro é mentira.»

Segunda parte—«A verdade é barata.» Isto é ainda mais facil de vêr! Já depois de assente a primeira parte esta segunda fica demonstrada. Mas, para os espiritos retrogrados e de contextura semelhante á do «calhau-rolado», outra prova dos nove (nôves-fôra!) se nos antoiha. Toda a gente diz que a «verdade é nua e crua». Se é nua, não se veste; se é crua, não se cose, nem se assa. Ora, se não se veste, não gasta dinheiro em vestidos; se não se assa, nem cose, não ha necessidade de gastar carvão nem gaz. Nestas condições, é superabundantemente obvio, que «a verdade é barata.»

Mas vamos outra vez ao caso principal das «peles caras». Anunciava ha dias um jornal de Lisboa:

«O sr. Hume, secretario secretario geral da Associa-

ção Protectora dos Animais, de Londres, faz um apêlo comovedor ás senhoras elegantes—para que deixem de usar tantas peles caras.

«Esse luxo traz a morte a milhões de animals lindissimos e, em regra, inofensivos, sacrificados cruelmente ás exigencias estupidas da moda.»

Plenamente de acôrdo com o queixume do sr. Hume (nome de tradições filantropicas, pois que já a pedra homonima fazia bem á pele após a barba), venho juntar o meu protesto ac dele e aconselhar o seguinte:

As senhoras que se enfeitam e agazalham com peles, passariam a dar o nome aos bois, como soi dizer-se. E, em vez de afirmarem que trazem aos pescoços uma preciosa «zibeline», uma riquissima «lontra», ou rara e custosa «rapoza argentêe», falaria com toda a franqueza e diriam alto e claro:

—«Isto é coelho; isto é pele de cabra! isto é bode puro.»

Lançada a moda, os comerciantes ver-se-iam obrigados a falar verdade, e, segundo o meu axioma, a «falar barato».

Como tanto o coelho se come, como a cabra e o bode se consomem, embora com o nome de cabrito e carneiro respectivamente, aproveitar-se-iam as peles, sem ser preciso ir busca-las a casa do diabo, sacrificando animalinhos inofensivos e cuja carne não é comestivel.

As Sociedades Protectoras ficariam satisfeitas; a economia publica obteria grandes vantagens; a moral ganharia uma grande victoria sobre a hipocrisia agora triunfante.

Sim; considerem, em todas estas vantagens gloriosas. Como seria mais justo mais claro, mais cristão, dizer-se duma senhora nossa conhecida:

—«Que bella lhe caiha aquela pele de cabra!»

Ou, então, dum rotundo burguês, orgulhosamente embrulhado numa farta pelica:

—«Que rico abafô de chibo!»

E assim, por diarte. Até seria interessante fazer «manteaux» da «pele de vaca», que assentariam muito bem em certos corpos anafados.

CYRANO DE VELHOFRAC.



— Como V. Ex.ª está queimada. Esteve no Estoril?
— Não. Estive em Sintra, mas atravesso todos os dias o tunel.

Correspondentes Elevador da Gloria

alheios

A's vezes as empresas teatraes quando encontram vantagem em manter em scena mais algumas noites as suas representações, anunciam que, a pedido de varias familias, continua a representar-se determinada peça.

Ora, nós se acrescentamos mais alguns comunicados, fazêmo-lo sómente a pedido de alguns correspondentes que, nas localidades onde residem, muito gostariam de vêr traduzidos, publicamente, os seus desejos indigenas.

Para os satisfazer, aqui vai:

BARQUINHA — Esperamos que a nossa terra venha a ser solicitada para nadar no Parque Eduardo VII. Dai observaria com interesse o crescimento da planha do sr. Marquês de Pombal e, se Deus nos dêsse agua até ao proximo século, ainda teriamos esperança de o vêr lá em cima.

LAMEGO — Os nossos presuntos superiores aos de Chaves e mesmo aos de Bayona, são feitos de porcos absolutamente sujos, vivendo em perfeitos chiqueiros. Por isso, o sabôr da carne dos York Shire, que tomam douches ou semicupios, é muito deslavada, devido a tanto banho.

EVORA — Continua destelhado o Templo de Diana. A municipalidade deveria obstar a este contrasenso. De inverno chove-lhe dentro como na rua. O que dirão, pois, os estrangeiros que nos visitam?

MATOSINHOS — Pede-se aos srs. revisteiros para manter a popularidade do Senhor de Matosinhos, que já vai sendo menos cantado do que outr'ora.

PAREDE — Sendo certo ouvir-se a mlude: levei-o á parede, seria conveniente, para evitar aglomerações, aumentar a periferia da localidade.

ALEXANDRE SETTAS.

Na caça:

— Viu passar aqui uma lebre?
— Sim, senhor.
— Ha quanto tempo?
— Ha cinco anos!...

Mãe e filha:

— Não sei que hei-de da, a teu pai, para suar.
— Mostra-lhe a conta da modista!...

Entre irmãos pequenos:

Ela—Recorda-me perfeitamente no dia em que tu nasceste. Foi uma segunda-feira.

Ele—Não pode ser. A's segundas-feiras temos lição de piano!...

Confidencias de amigos:

— Desde que te cazaste nunca te faltou nenhum botão na roupa?

— Nunca! Uma das coisas primeiras que minha mulher me ensinou foi a cozer...

No restaurante:

Ela, que o espera impaciente— Não veio um cavalheiro procurar por uma senhora vestida de azul?

O criado, dizendo a verdade— Veio, sim, minha senhora, mas sahlu, com uma vestida de castanho.



— Porque estás tu a olhar tão admirado para minha irmã?

— Porque a acho mais gorda, desde que se sustenta com farinha, leite condensado e Chocolates Nestlé.

— Pois, sim, mas deste tamanho já concorre ao 4.º Concurso..



— Quem é aquelle sujeito que te põem cinco cordas?
— É o autor daquelle livro «Com mancheras de ganhar a vida sem trabalhar».

Quer a sorte grande?
Habitte-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

Um "revolucionário" ... O DIVORCIO Um grande elixir

do homem gordo e da mulher magra

Vai agora fazer 20 anos; foi por ocasião da proclamação da República.

Aproveitando o período revolucionário, Alberto C. regressava a casa a deshoras, a pretexto de certas «vigilâncias» a que era forçado pela sua participação no movimento... A esposa, todavia, desconhecera-lhe as tendências políticas, já mais dando que o marido frequentasse a carreira de tiro. Atiradão sim, isso era a carreira que ele habitualmente seguia, aliado ou não.

Mas, certa madrugada, Alberto entrou em casa visivelmente enervado.

A esposa, como de costume, não estranhou a hora tardia do regresso, habituada, como estava, às frequentes «vigilâncias» do marido. Ela percebeu-lhe a inquietação mas não lhe disse nada. Alberto, deitou-se, e, não sem custo, adormeceu.

De manhã, já sol bem alto, Alberto acordou estremunhado.

Entretanto, a esposa, com a «pedra no sapato», fizera também um pouco de «vigilância» à indumentaria do marido, verificando que as calças que ele trouxera vestidas não lhe pertenciam. Mirou e remirou e nos bolsos encontrou uma cautela de 3 vinténs, com o numero 11, quinze réis em obre e um bilhete do Chora, de 30 réis, da carreira de Belem. Constatou, também, que o cós das calças tinha 20 centímetros a mais da medida da cintura do marido.

Nada disto, porém, a conduzia a uma suspeita, e assim que Alberto despertou perguntou-lhe de chofre:

— Olha lá! Como diabo explicas tu trazeres vestidas umas calças que não te pertencem?

Alberto, apanhado em cheio, ainda ensenado, gaguejou por instantes e com ares misteriosos, explicou:

— Imaginas lá! Aquilo ia sendo uma tragédia... Nós estávamos ocultos, as escuras... Tu percebes... De repente, ele ameaça... vem armado...

— Ele quem?!
— O... o... o... Cunha...
— Mas que tem o Cunha com as calças?!

— Tu não percebes nada disto, mulher. Bem vês que isto de associações secretas são só para homens... Ora sendo secreto não tens nada que saber. Não me perguntas mais nada, acobou-se.

— Pois sim... mas vê lá se tratas de trocar as calçasinhas; essas não te servem e além disso ficas com a andaina incompleta.

E o incidente ficou por aqui nesse dia.

No imediato, um galego bateu à porta. Trazia um embrulho e uma carta.

O sr. Alberto M. não estava, mas a esposa deu logo fé do recado. A carta rezava assim:

«... Como naturalmente não voltas tão depressa, aí te mando as tuas calças, esperando que em troca me mandes as que levaste. Não ganhaste para o susto!... Também eu... Quando voltares a estar de «vigilância» previne-me... Tua Carlota C.»

Tableau...

PIG-MEU.

Preço de assinatura

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colónias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeira.....	Ano:	34\$00

Assinem o nosso jornal

D. Rosa Antunes lêra na véspera, no jornal que uma americana, mulher decidida, requerera o divórcio contra seu marido, porque este, magro no dia do casamento, dera em engordar depois. Rosa ficou pensativa... A obesidade dum marido era razão de peso para um divórcio?

Quando saiu, dirigiu-se ao consultório do dr. Asdrubal, advogado prático em divórcios.

O dr. Asdrubal, quando disse a D. Rosa para ela se sentar, já tinha visto, num relance de olhos, que ela não era paisagem que o interessasse. Por isso, limitou-se a ouvi-la.

— Doutor, o unico obstáculo á minha felicidade, com meu marido, é a sua gordura excessiva. Pode-se dizer, mesmo, que o unico obstáculo á minha felicidade é a barriga dele...

D. Rosa falava em obstáculos... O dr. Asdrubal lembrou-se do concurso hipico... D. Rosa era magra, devia saltar bem... Mas, como caiu na realidade. Olhou magriçalmente para o codigno... O codigno, como causa de divórcio não tinha previsto aquela razão—a barriga excessiva dum dos conjuges...

— Minha senhora, vossa excellencia não se pode divorciar plegando essa razão. E' preciso arranjar outra. Uma pergunta—o marido de v. cessa excellencia é-lhe fiel?

D. Rosa respondeu distraidamente:

— Meu marido só faz ganhasca caseira, doutor... Maquinas manuais, o rôto de borracha... Bem vê, não dá resultado, esta cada vez mais gordo...

— Se nós pudessemos apanhá-lo em flagrante...

— Não pense nisso, doutor...

— Bem, minha senhora, eu vou pensar no caso... Algum galto se lhe ha de dar.

Uma hora depois entrava no escritório do doutor Asdrubal, o sr. Antunes.

— A unica razão porque desejo divorciar-me de minha mulher é ela ser excessivamente magra...

— O senhor ainda não conseguiu engordá-la?

— Não, senhor doutor.

— Uma pergunta, sr. Antunes: Sua esposa é-lhe fiel?

— Muitissimo... Adora-me!

— Vou dar-lhe um conselho, e fazer-lhe, ao mesmo tempo, umas considerações. Todos nós sabemos o que é o casamento. O almoço e o jantar bem cosinhados, a roupa cosida e engomada, uns certos deveres, de vez em quando e... temos dito. E, meu caro senhor Antunes, mulheres gordas e bem feitas ha muitas.

— Doutor, compreendo... mas, ganho 800 escudos por mês...

— Realmente, é pouco...

— Era muito mais pratico ter a mulher gorda e bem feita em casa. Quando eu casei, minha mulher era gorda...

— O caso é complicado. Porque é que o senhor não faz uns «ganchos»?

— O doutor quer dizer—trabalha em argolas... Com esta gordura não posso...

— Não, «ganchos», trabalhos extraordinarios para ganhar dinheiro. O dinheiro, dá tudo...

— Trabalhos extraordinarios, não gosto, não é o meu genero... Prefiro tornar a casar com uma mulher gordinha...

Neste momento, D. Rosa entra no gabinete do dr. Asdrubal.

— Tu aqui, Antunes?

— Sou...

— Então, está tudo resolvido. Seu marido requiere o divórcio por incompatibilidade de ossos, já que não pode haver incompatibilidade de gorduras, porque vossa excellencia, magra como é, não as tem...

GEO.

MARIO DE NORONHA



Depois da espada, a vela! E neste, como na outra, Mario de Noronha, hoje presidente do Club Náutico de Portugal, é um «as» que tem merecos homenagens como a que os seus amigos — entre os quais nos contamos — lhe vão prestar no proximo sabado.

E' velha e revelha, creio mesmo que tem a sua origem na infancia da humanidade, a aspiração hian-te, a ansia indomavel do homem viver ilimitadamente.— Ninguém quere morrer.—E é certo. Cada qual procura ingressar no campo da morte, o mais tarde possivel. A parca Atropos, porém, é que é inexoravel e quando, muitas vezes, ninguem o espera, zás: corta o fio da nossa existencia e lá temos que marchar, encafuados num caixão, mudos e quedos que nem um penê-do.

A falar com toda a franqucza, eu tambem não queria morrer nunca, ainda mesmo que um anjo me viesse segredar ao ouvido, mas com fundamento, da parte de S. Pedro, que o veneravel careca, me havia reservado, no palacio sideral, uma cadeira bem estofada, provida de boas molas, bem flexiveis. N. da! Penso como o sentimental poeta João de Deus:

O ceu será muito lindo,
O ceu será outra cousa
Contudo, vamos nós indo
Cá por onde anda a raposa.

Mas já que a mãe natureza entende que, quando velhos caducos e decrepitos, para nada mais servimos nê te mundo, ao menos poderia levar a sua generosidade ao ponto de nos levar bem mais tarde deste vale de enganos, porque, apesar de enganados, sempre preferimos e encamo á triste realidade da morte, pois só de olhar para o seu esqueleto, em esqueleto, até ficamos sem gota de sangue e se nos põem os cabelos em pé.

Estudando afinadamente a longevidade e procurando leva-la para além dos 100 anos, ha milhares de seculos que têm andado empenhados, numa tarefa incensavel e estupenda, sabios e charlatães, quimicos e higienistas. De vez em quando, aparece um e munhando nos jornais, ou nas revistas da especialidade, que vêm impressionar, alegremente, a nossa e pernaet. Mas, desgraçadamente, essa esperanza é curta e efemerica, porque a seguir, no outro dia quasi, vem o desmentido fatal, que lança, de novo, pungente magua no nosso coração.

Mas, lá diz o rirão:
«Agua mole em pedra dura, tanto dá até que fura». Alegrai-vos mortais impertinenteamente impacientes, porque, desta vez, sim! Desta vez é que a coisa vai! Duvidais ainda? Pois procurais o «Noticias Ilustrado» do dia 12 de outubro do corrente ano e tereis então o prazer de regalar a vossa avidéz, com a seguinte leitura, na pagina 18:

«Surge-nos agora, do outro lado do Atlantico, um famoso sabio, mister Ketchetow, que se propõe resolver o problema da longevidade humana, por um processo muito simples... na sua grande dificuldade, como vamos vêr. Para o nosso sabio, todos os homens e mulheres poderão ultrapassar os 100 anos, desde que se alimentem, exclusivamente, de bananas e de sumo de tomates.»

Ora aí está! E a gerte a julgar que o prolongamento da vida do ser humano, dependia de complicadas combinações, a que não era estranha a participação da quimica e da algebra. Tantos trabalhos, tantas fadigas extenuantes nos laboratorios dos quimicos sabios e nos gabinetes dos homens que se dedicam á cultura física, para, afinal, se ir encontrar a chave do grande problema, oculta nesta coisa simple: charra e banal: nas bananas e no suco dos tomates.

BRAZ MENDES.

Colchões e enxergões

Aceltam-se encomendas na Antiga Colchearia Prior, Rua dos Cavaleiros, 106. 108.

Preços sem competencia.

Sem certeza

Procopio do Nascimento, tornado abastado roceiro em Mato-Grosso, resolveu dar uma passeata até ao Rio, pelo que mandou fazer mais um par de calças brancas, e comprou a pesadíssima corrente de ouro, genero amarra de algum «Cap», ao seu vizinho Pescadinha, que estava empenhado até á raiz da sola dos sapatos.

Amigo Procopio, chegou ao Rio, admirou muito o Pão de Açúcar, ficou espampanantemente estúpido perante o Corcovado, e metendo as mãos nas algibeiras das calças, a fim de que a sua bela corrente pudesse ser por todos admirada, propunha-se continuar o passeio, quando foi abordado pelo seu velho amigo Juca do Livramento, doutor em vigarice e seus derivados.

— Então, seu Procopio, no Rio, heim, e que linda corrente que você trás, muito bom... é platina!

— Não, seu Juca, não é platina. é ouro!

— Perdão, seu Procopio, é platina sim siór, e se você quiere eu aposto...

— Está bem, seu Juca, está bem, eu aposto cem mil réis, em como é ouro e não platina.

— Aceito, amigo Procopio, mas você espere um bocadinho que eu vou ali telefonar para casa dizendo que tenho a mão esta noite.

E o amigo Livramento, foi direitinho a um ourives tão vigarista como ele, com o qual combinou repartirem a *queijada*, se este afirmasse que a corrente, objecto da aposta, era de platina.

— Vamos lá seu Procopio, vamos ali áquele ourives, que é muito sério.

— Olhe lá seu moço, você pode dizer de que metal é esta corrente?

— Sim siór, é de platina!

— Está bem, fez Procopio, está bem, perdi. Aqui tem você os cem mil réis, amigo Juca, perdi, mas não faz mal, adeus.

E o bom do Procopio, se até aqui se sentia feliz, desse momento em diante não cabia em si de contente. Continuou o passeio, até que encontrou outro velho conhecido.

— Olá, seu Procopio, então no Rio, hein?... e que linda corrente que você tem... é ouro.

— Não seu Pancrácio, é platina com toda a certeza.

— Não seu Procopio, é ouro! Eu aposto cem mil réis com você, que-re?

— Sim, amigo Pancrácio, eu aposto em como é platina, e vamos ali áquele ourives que é meu conhecido.

Lá foram os dois até ao ourives, mas por qualquer casualidade, o empregado vigarista tinha saído, e estava outro colega a substituí-lo.

— Olá mocinho, *ni* diz de que metal é esta corrente.

— Esta corrente é de ouro, responde o empregado.

Amigo Procopio ficou muito admirado, mas não teve outro remédio senão pagar os cem mil réis da aposta, e tratou de abotoar o casaco.

No dia seguinte, quando ia a sair do hotel encontrou o seu amigo Jacinto Leite.

Grandes exclamações, muito entusiasmo, até que veio a baila a corrente do Procopio.

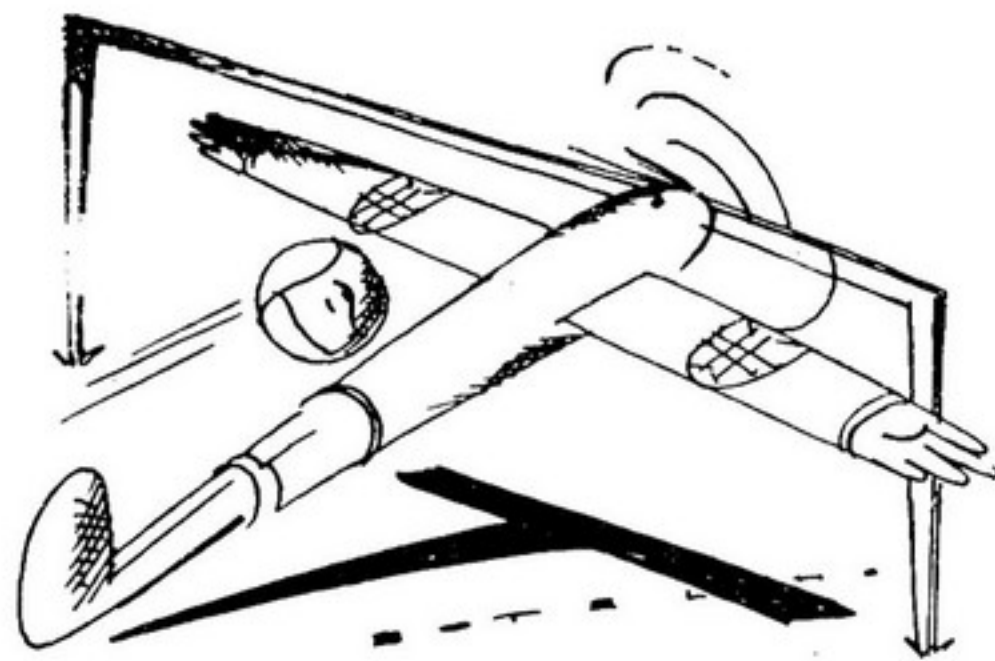
— Que beleza de corrente que você tem, seu Procopio! é de ouro...

— Olhe, seu Jacinto, ouro... ouro... tem ocasiões!...

SILVA TINTO.

DESSPORTOS

Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal



Antonio Ferro dizia
Quando foi a Amsterdão
Que o nosso homem teria
A alma dum avião.

Que linda imagem! Admira
Que se possa assim pensar.
Porque afinal é mentira,
O rapaz não foi ao ar.

Foi ganso desde criança,
Ganso continua a ser,
E toda a gente tem esperança
Que o será até morrer.

Um guarda-rêdes consegue
Apanhar descomposturas,
Mas não ha ninguem que negue
Que ele é um guarda ás alturas.

E' alto, muito crescido,
E ha pouca gente que tenha
Um tão perfeito sentido
Do lugar que desempenha.

Foi ao Brasil outro dia,
Numa má ocasião,
E por isso, que arrelia
Não foi gozar a Milão.

ZE' MARIA

DR. JOSÉ PEREIRA CALDAS



O illustre radiologista e distinto «sportman», que em tudo é um «az»...

Gazetilha

OS MIXORDEIROS

Ha dono de «restaurant»
Com pouca misericordia;
E em vez de comida sã,
Da sópa até á maça
Não vende senão mixordia.

E é espantosa a ousadia
Com que se queixam ás vezes
Da falta de freguezia!...
Pudéra! se dia a dia
Matam dois e três freguezes!...

Já tem medo de jantar,
A humanidade aflicta;
E é necessario acabar,
Por um castigo exemplar,
Co'os Borgias & Comandita.

Que a Policia se decida,
E não dê parte de fracca!
Pois deve ser proibida
A mão de vaca vendida
Em... segunda mão de vaca...

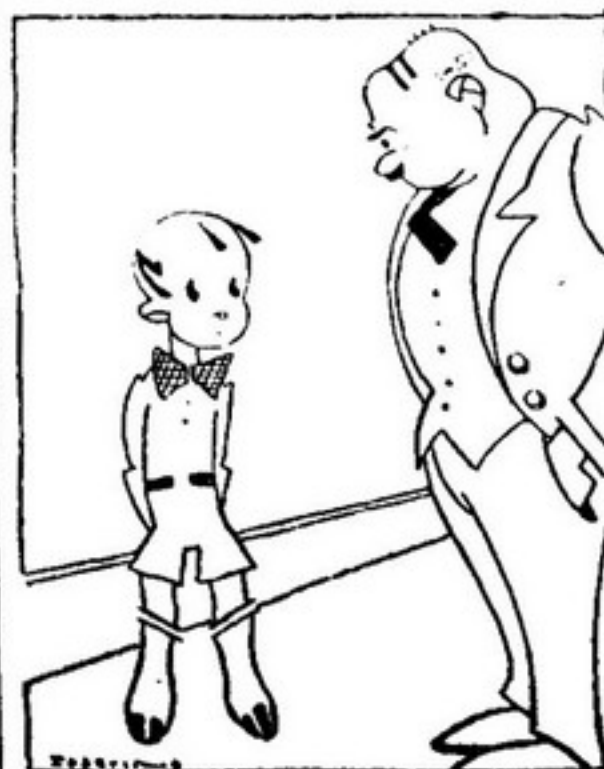
JOAO FERNANDES.

Silva Tavares



"O livro do nosso amor"

Foi posto á venda alcançando grande successo
Vende-se em todas as livrarias
Pedidos á administração do
"Diario de Lisboa", Rua da Rosa, 57, 2.º



— O que esteve o menino a fazer para assim ter as mãos?
— Estive a comer Chocolates Nestlé, porque quero concorrer ao 4.º Concurso.

Quereis dinheiro?

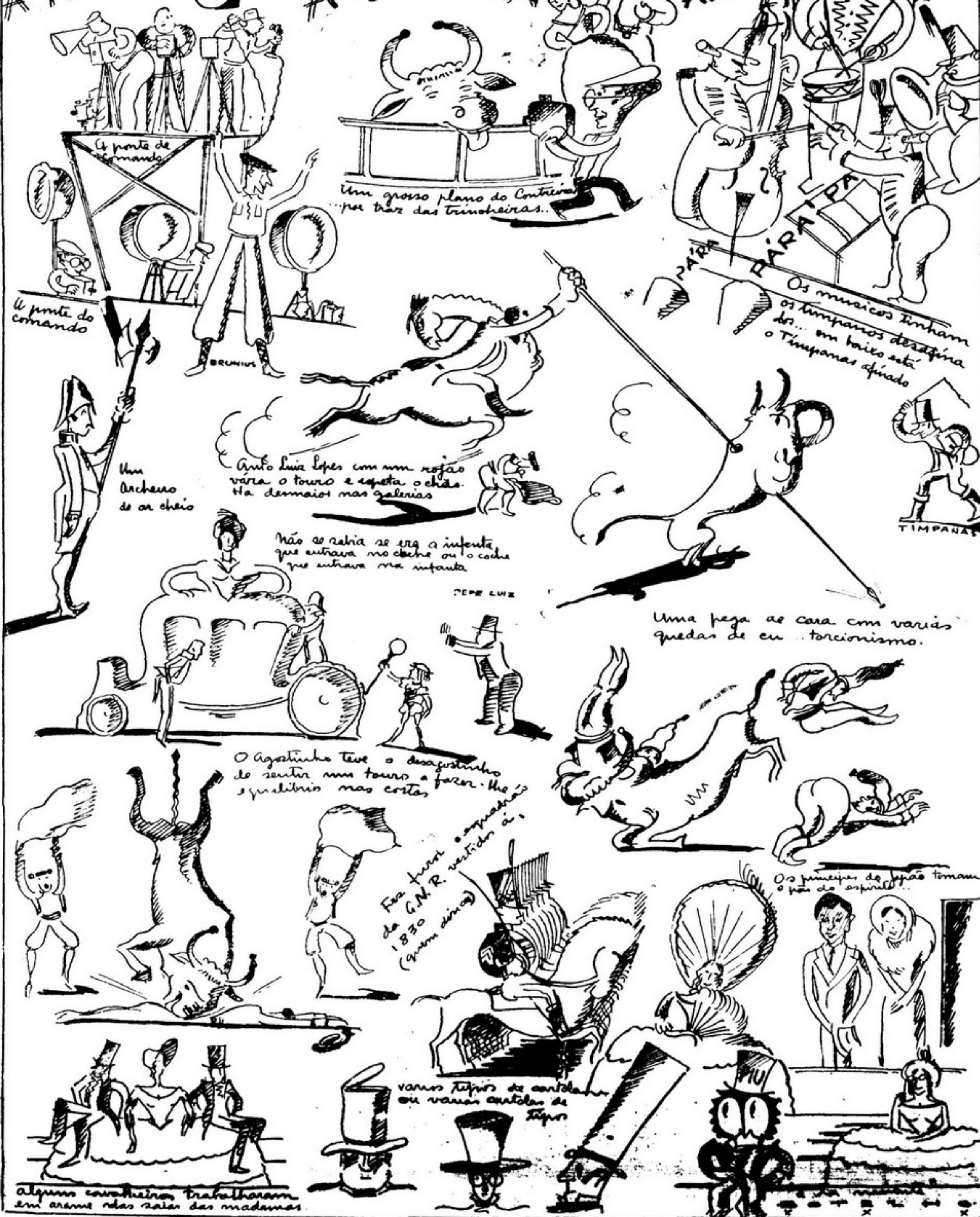
Jogal no

Lama

Rua de Anjo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

A TOURADA DE A SEVERA EM ALGÉS



o ponte de comando

Um grosso plano do Contrabaixo... por traz das trincheiras...

EM ALGÉS

Os musicos tinham os timpanos desajustados... em baixo esta o Timpanas afiado

o ponte do comando

Um Archeros de ar cheio

Ante Luiz Lopes com um rojão varia o touro e apeta o chao. Ha demaios nas galerias

Não se sabia se era a infantia que entrava no coche ou o coche que entrava na infantia

PEPE LUZ

Uma pega de cara com varias quedas de eu... torcionismo.

O Agostinho teve o desagostinho de sentir um touro a fazer... e equilibrio nas costas

Faz furor o aquadrado de G.M.R. vestido a... (quem diria)

Os principes de Japao tomam o pais do espirito...

varios tipos de cantolahu ou varos cantolas de tipos

alguns cavalleiros trabalharam em arame nas salas das madamas